

## ITINERÁRIO POÉTICO DE LIBERTO CRUZ (Sintra, 1935)

Para além da sua obra como ensaísta, crítico literário, tradutor, coordenador de publicações de obras literárias, Liberto Cruz publicou seis livros de poemas – Momento, Névoa ou Sintaxe, Itinerário, Distância, Caderno de Encargos e Sequências; dois poemas longos em forma de pequeno livro – A Tua Palavra e Ciclo –; uma Gramática Histórica, próxima da poesia experimental, um diário de guerra em brevíssimos versos- Jornal de Campanha. A sua poesia figura em inúmeras antologias.

Proponho, como leitora da sua poesia completa, apresentar algumas achegas sobre o seu itinerário poético, numa primeira abordagem de conjunto da sua obra poética, que está por fazer. Uma tentativa de a um tempo apresentar a sua obra poética e nela encontrar um itinerário que realmente existe.

Liberto Cruz só publicou mais depressa os primeiros livros, antes de partir para a guerra de Angola. Os restantes foi escrevendo e publicando em datas por vezes distanciadas das datas em que foram escritas. É no encadeamento da sua escrita poética que me detenho, a qual não coincide, por vezes, com a sequência cronológica da sua data de publicação. Porque a sua obra poética tem uma coerência e uma lógica interna bem ancoradas no itinerário da sua própria vida.

Depois de a ler, reler e nela reflectir, discerno precisamente sete etapas, um número perfeito para mais de 50 anos de publicação de poesia – . Farei uma breve síntese sobre o conteúdo e expressão da sua poesia nessas sete etapas, incluindo citações de versos ou poemas que me parecem pertinentes para a apresentação geral da sua obra poética. Na parte final, tentarei fazer uma síntese do seu caminho global com a poesia.

1. Antes da guerra colonial: Momento (edição de Autor, Sintra, 1956), A tua Palavra (edição de Autor, Sintra, 1958), Névoa ou Sintaxe (edição de Autor, Sintra, 1959), Itinerário ( Pedras Brancas, Livraria Nacional, Covilhã, 1962)

### MOMENTO

Desde os primeiros vinte e oito poemas que publicou aos vinte e um anos no livro Momento (1956), Liberto Cruz manifestou uma rara sensibilidade à beleza, à vida, ao amor de sua mãe, à experiência amorosa, ao desejo de aventura, à expressão da esperança, a par de uma tendência meditativa, expressa em linguagem despojada, sem excesso de metáforas e sem a preocupação da construção perfeita, embora já com a tendência para exprimir o essencial da sua vivência interiorizada. Nela transparece a sua leitura de Fernando Pessoa.

O poema de abertura, Momento, é a expressão jovem da procura do momento de beleza, na serra, no brotar da água, no caminhar sem pressa a que chama “rotina”- mas que se desenvolverá ao longo da sua obra poética como um caminho de procura de sabedoria- o momento de beleza da perfeição cíclica da natureza, o momento da dor de nascer, deixando margem para a dúvida sobre a permanência da beleza e a quase certeza da dor, do negativo da vida humana.

No Poema sem título nem dedicatória, emerge o desafio para a aventura da viagem sem nome e a esperança de um dia partir, desafio e partida que se realizará ao longo de muitos

anos da sua vida. Por que não referir o poema deste seu primeiro livro em que regista o dia em que a comunidade sintense o reconheceu como menino poeta, pela sua sensibilidade inesperada à morte de uma lagartixa que, como “outros meninos” matara? E por que não deixarmo-nos surpreender pela sua expressão tão jovem de um tema tão antigo como o do amor e o tempo?

(“O amor e o tempo”, p.38)

Dantes,

Um sorriso teu

Era motivo

Para um poema.

Agora,

-o Outono chegou –

pensar em ti

é varrer da alma,

as pardas folhas

que o tempo,

- o forte tempo-

há muito já secou.

#### A TUA PALAVRA

Em A Tua Palavra (Natal de 1958), Liberto Cruz surpreende-nos com um único poema religioso, porque relacionado com a religião cristã, porque lamenta o facto de já não haver lugar para a palavra de Cristo – não nomeado mas apenas entrevisto, através de alusões dedutíveis do contexto religioso cristão e dos evangelhos -, nem há lugar para a sua face, para a meditação nos seus serenos passos, nos seus milagres, para o efeito da sua palavra que cura. Este poema elegíaco marca uma tendência da poesia de Liberto Cruz para a expressão de aspiração a uma certa religiosidade profunda, de um religião ao sagrado ou à vivência mística que, neste poema, acaba por ser não veiculada pela figura de Jesus Cristo, da qual o mundo está cada vez mais afastado. Resta a esperança que apareça “um rosto novo”, a esperança talvez de uma nova era com outro rosto de religiosidade. Liberto Cruz assim escrevia aos 23 anos, num contexto ocidental judaico-cristão e português de quem procura algo que lhe dê uma referência vivível da experiência religiosa que, nos finais dos anos 50 lhe parecia desacreditada.

A tua palavra...

Aqui, entre onda e pedra, vento e fogo

Já não há lugar para a tua palavra

.....

e entre onda e pedra, vento e fogo

esperamos que a madrugada

na sua mais próxima palavra

um rosto novo nos cante

(fim do poema “A tua Palavra”)

#### NÉVOA OU SINTAXE

No ano seguinte (1959) publica Névoa ou Sintaxe. O segundo poema deste livro introduz-nos num universo de quem procura a paz interior, a aventura da vida, “ na secreta angústia, serena..”

Na paz súbita do canto  
Me surpreendo  
Em manso aviso  
E, insone, embarco  
Na jangada incerta.

Não isentas, as veias sabem  
E em silêncio depõem,  
De coragem, rios.  
E a calma é tão fecunda  
Que adolescente, parto.

Na secreta angústia,  
Serena, a memória me confina  
E válido, num grito me anuncio.  
( “Na paz súbita do canto”, p. 11)

Antes deste poema, a dedicatória prolongada à sua amada e antes do corpo principal deste livro, “Poema maldito”: as exclamações, interrogações e algumas afirmações sobre a incompreensibilidade da guerra, da violência encadeada que não se sabe onde começa nem onde acaba.

Nos primeiros dois pequenos ciclos de poemas deste livro – “Dádiva”, “Estela de Três Pontas” - predomina a sua deslumbrada e enraizada relação com o feminino matricial, na relação com a sua mãe que se funde na relação com a terra-mãe, não nomeada mas aludida. A poesia de Liberto Cruz é da poesia ao longo de cujo percurso mais encontrei a expressão de felicidade, de ligação afectiva ao feminino, a um ser humano, a sua mãe, a sua mulher, a um espaço físico de origem. Para além desse espaço, a consciência do vazio, da ignorância, da infância infeliz das crianças que brincam aos mortos, a ausência de voz, a sensação de se estar parado, inerte, bloqueado, no quotidiano dos anos 50:  
Onde está nossa prenhe e sibilante voz?

.....  
Que infância é esta,  
onde brincamos aos mortos  
e aprendemos de cor  
as formas legais da contingência?  
Que brisa venal, que velada voz  
Nos empurra para o abismo da inércia?

.....  
(poema 2 de “Estela de Três Pontas”, p.26)

É notória a procura de vida, do sabor da vida, - pelo recurso a frequentes metáforas da “seiva”, “vinho”, “húmus”, “semente”-, a festa da vida e do vinho (poema “Brinde a Baco”, p.32), à procura do divino e do amor divino fundido na relação amorosa, a

consciência da inevitabilidade da morte, a procura de libertação do opressivo, a procura de renovação e de esperança.

Neste sentido, poderíamos dizer que a melancolia que também neste livro se anuncia não é fruto de uma infelicidade de ausência de amor matricial, mas a da consciência da vida opressiva que se vive, a consciência da brevidade e da caducidade da vida, da inevitabilidade da morte, que Liberto Cruz começa a exprimir na sua poesia, desde muito jovem.

Nos “Três poemas de Lamentação” que se seguem, neste livro, surpreende-nos não só a expressão da consciência da imobilidade, da frustração e da violência da comunidade, mas também a certeza de que os anjos, como metáfora do espírito criador e do sopro de vida não regressam e se vive na ignorância e na ausência de liberdade:

Estamos sós e calmos,  
Embrulhados de vento entre salgueiros.

E como são mansos todos os dias,  
Tão beatos de ignorância,  
Tão estrangeiros de liberdade!  
 (“Três poemas de Lamentação”, p. 39)

Nessa ambiente de recusa de sopro de espírito e de impregnação de violência - “o necessário vento recusado” em que “os dedos sabem o sangue” (p.42), de deserto sem água nem uma árvore - “.. existe um lago e nos deram acácias/ e constantes nos perdemos no saibro/ sem um fluído, sem uma árvore” (p.42, ibidem), a esperança de que a poesia possa vivificar a alma do poeta, cuja palavra se anuncia como “química poética dos sons”:

Este é um dos livros de Liberto Cruz que privilegia a tomada de consciência da infelicidade, do sufoco da voz e da liberdade, do impedimento e da petrificação, da crucificação e do sofrimento inútil metaforizado na alusão à crucifixão do Senhor. Este é o livro que apesar de incluir um “Novo poema de esperança” (p.51):

Com o sangue e os óleos que nos separam  
Exacta, de novo voltas em lentos passos

termina com “Poema contra a cidade”(p.54) , como metáfora do mundo ou do país em que a vida não tem força nem sentido - “são inúteis todos os rios de resina/ todas as amoras maduras,/ que pisámos bravos,/ no intervalo das estações” - e os seres humanos não podem exprimir-se, não podem terminar seus gestos - lembrando-nos a palavra de Sophia de Mello Breyner “o gesto criador é impedido”:

Aqui na cidade nossos dedos não acabam gestos  
E a incauta presença nos suga  
O esforçado mel de todos os dias

É um livro que também exprime interrogações sobre a vida, porque nela ainda encontra pouca clareza, porque tem consciência de uma certa obnubilação não do seu olhar mas da “névoa” como metáfora do que não é claro, do que impede a visão e a nitidez na vida. A “sintaxe” será a metáfora da procura de uma certa lógica interna, ou a expressão, pelo reverso, da consciência do que Camões chamava a “desrazão”, a falta de sentido, na vida;

será a procura de clareza na palavra poética, no interior do próprio sujeito lírico e sobretudo na vida da comunidade que parece desfeita.

Exprime ainda o amor que procura, vive, reconhece e em que deseja perseverar, que irá desenvolver no livro seguinte - Itinerário. Este livro termina dizendo que, na cidade, como metáfora deste mundo ou deste país, nos anos 50, não há espaço para o amor:

Mas a amada perde-se em florestas de ar puro

E meus dedos não acabam gestos,

Não conseguem a calma da sua presença

(p.54)

## ITINERÁRIO

Escrito entre 1959-60 e publicado em 1962, Itinerário tem a ver com a expressão da energia fulcral do feminino com quem comunga o amor que irá desejando. É visível que esse feminino matricial da sua mãe e da sua terra – Sintra- modelou a sua capacidade de se relacionar e de se exprimir na procura de felicidade com a presença da sua amada. O livro chama-se Itinerário porque é dedicado a sua filha Alexandra acabada de nascer, como que formulando um voto para que ela viesse também a percorrer um itinerário na sua vida.

Dividido em três poemas fragmentados: “O Rio”, “Dádiva” e “Viagem exacta”, continua a tomada de consciência sobre a precariedade e o enigma da vida, a procura e a experiência de dádiva do amor que o possa transcender. Neles perpassa a metáfora do rio enigmático e enérgico de vida que nos percorre cuja origem e sentido desconhecemos, cujos barcos desconhecemos, cujas palavras não nos bastam porque vivemos de excessos numa existência incerta e precária:

Somos um rio de palavras

Que não nos bastam

Porque exagerada é a água

Em que navegamos

E incerto e vário

É todo o barro

Em que vivemos

(p.15)

É a dádiva, a certeza e a solidez do amor, no poema “Dádiva”, dedicado a sua mulher, que faz brotar o sujeito lírico do rio de incertezas da vida, para a procura da “Viagem exacta”, metáfora da esperança de um novo caminho, aberto pelo amor, num espaço onde se vive o contrário, no impedimento e na imobilidade: já não há “o incêndio de palavras” (p.28), onde “nos cortaram as mãos/ e a catedral da nossa esperança/ agoniza todas as noites, /entre estátuas e estátuas” (p.28):

Todavia é no ressaibo dos líquidos,

Na aresta dos tempos,

Na confusa música dos corpos

Aptos e certos para o amor,

Que esperamos a tua visita

(p.29)

Esta metáfora da “tua visita” é ainda de esperança.

Para o fim de “Viagem exacta”, a procura de uma enigmática face libertadora ou redentora que se procura e se vai encontrando, ao longo do tempo:

A concluir a metáfora da viagem exacta, o envio do seus versos para o alto,

E, tranquilo, lanço meus versos

À transparente noite

Do teu canto

(p.33)

Estes últimos versos lembram o reenvio do final das canções camonianas, da própria estrutura da canção quinhentista, em que aos próprios versos, o sofrimento e a palavra do sujeito lírico é reenviada para o alto .

2. O Diário de guerra: Jornal de Campanha (escrito em Buela, Luanda e Sintra, entre Maio de 62 e Janeiro de 65), Peregrinação, Cacilhas, 1986

Vimos como “Poema maldito” da colectânea Névoa ou Sintaxe (1959) manifesta a incompreensibilidade da violência encadeada que é a guerra, ao longo da história. Mobilizado para a guerra de Angola, Liberto Cruz redigiu em verso o seu Diário de combatente forçado, a que deu o título de Jornal de Campanha. Trata-se de um livro raro na literatura portuguesa sobre a guerra colonial, em brevíssimas palavras a que Eugénio Lisboa, no prefácio, chama “disparos”. Teve a maior dificuldade em publicá-lo em Portugal antes e depois do 25 de Abril. Só conseguiu publicá-lo, em 1986, numa editora portuguesa radicada na Suíça que depois o difundiu em Portugal. Todavia um júri em Portugal reconheceu o seu grande valor e atribuiu-lhe o Prémio de Poesia Cidade de Lisboa nesse mesmo ano.

A brevidade dos seus versos tem a ver com o facto de ser tão grande a ignomínia e a inutilidade da guerra, a horrível violência, que não há palavras, apenas o essencial da experiência terrível que lhe atravessa o corpo, a vista, os corpos dos jovens despedaçados, a ânsia de que a guerra acabe. O livro está dividido em duas partes: “Situações” (p. 15-79) e “Posições” (p. 80-118) e termina assim:

“Uma novidade: a partir de agora alguns pais vão passar a receber no dia 10 de Junho, no Terreiro do Paço, uma medalha em troca dos seus filhos” (p.118)

Vejamos de “Situações”:

Cumpro ordens como quem rouba pão (20)

Num dos versos está subjacente o versículo 4 do Salmo bíblico de exílio do povo judeu, 137(136), Sobre os rios de Babilónia: “Como cantaremos o cântico do Senhor em terra alheia?”, para exprimir uma forma de exílio forçado e a injustiça da guerra, num país alheio:

Quem sonha no país alheio?

Quem ama na terra alheia? (24)

Já viste um jovem morrer?

Acaso esqueceste o brilho dos seus olhos (27)

“O silêncio é uma arma adormecida” (p.38)

“Lento o tempo vai tecendo a teia do desespero” (41)

“Falecem folhas nas árvores e amigos feitos soldados” (44)

“Nada sei. Nada espero. Sobrevivo.” (50)

“Inertes vamos rasgando o corpo.

E quem nos devolve o sangue?” (64)

Retomando o tópico humanista de Armas e Letras, nos séculos XV e XVI, na Europa – como na expressão de Camões: “Numa mão sempre a espada e noutra a pena” - : Liberto Cruz escreve:

“Na mão a arma rápida. No peito a pena encravada”:

Neste verso, a espada é substituída pela arma moderna e a pena é a pena como sofrimento encravado no peito; é também a pena como metáfora da escrita que poderia aliviar o sofrimento mas que é irrealizável: a pena de escrever também está encravada no seu peito. Não pode escrever de tal modo está trespassado pelo sofrimento e imobilizado pela violência da guerra:

Recorre à expressão das situações de absurdo que a guerra provoca:

“Um tenente-coronel na missa. Um capelão bêbado.

Um miliciano dando tiros. Um cabo a ler Camilo.

É a guerra. (p.85)

Este último verso “é a guerra” é uma paródia a uma publicação de Aquilino Ribeiro, de 1912, com este título, em que o autor tem uma posição ambígua sobre a guerra..

“Situação normal” disse o Alferes.

Reparei que um soldado tinha um cinto de orelhas (p. 86)

Perpassa neste livro o sujeito cujo corpo foi atravessado pela guerra que denuncia, desaprova, que foi forçado a experimentá-la. Em 1963 escreveu um poema em prosa sobre a guerra angolana que publicou em Abril de 1964 na Revista Estudos de Castelo Branco, nº 12: chama-se “Discurso claro como o Inverno”, acompanhado de um glossário próprio, de que cito um breve passo, do início

Chegou o tempo de colocarmos o nosso capacete do vento, de tropeçarmos na erva ou numa pedra e nos deitarmos no chão na companhia das formigas, esperando a tua vinda como quem planta uma árvore ou verifica um astro.

Estamos há tanto tempo instalados no comprido branco do disfarce, neste silêncio de marabunta, que uma liana nos prende a esta morena teia de vidros e espadas, de abutres e sapos, aqui onde sabemos o teu nome, o teu necessário nome  
-claro como o Inverno –  
que antílopes deslocaram para as matas e dedos de hiena e sangue transformaram no mais súbito dos vulcões.

Espero que este poema venha a ser publicado em livros futuros.

3. Gramática Histórica, Comércio do Funchal, Funchal, 1971 (assinada com o pseudónimo de Álvaro Neto)

Liberto Cruz nunca se considerou poeta experimental, no sentido contemporâneo da chamada “poesia experimental, visual, concreta”. São as escritas que dão origem às teorias e não contrário. Liberto Cruz, com o pseudónimo Álvaro Neto, escreveu Gramática Histórica entre 1962 e 1966 e os Cadernos de Poesia Experimental começaram a ser publicados em Portugal, em 1964. Gramática Histórica é um livro fácil de ler, cheio de jogos que ajudam o leitor a separar o trigo do joio. A chamada poesia experimental da época ajudou para a publicação da obra, mas não esteve na sua origem porque a obra já estava feita.

Continuando a tradição portuguesa das cantigas de escárnio e maldizer, Álvaro Neto recorre à ironia, à caricatura, à paródia da normatividade dos manuais escolares, em particular da gramática da língua portuguesa para criticar o quotidiano português. Teve dificuldade na sua publicação e a obra esgotou-se em muito pouco tempo, num circuito restrito de destinatários interessados. Acaba de ser reeditada, em Lisboa. Além da ironia e da caricatura, recorre a uma análise muito subtil de fonética, morfologia, sintaxe, semântica e versificação que possibilitam a construção de textos de uma falsa exemplaridade que põe em causa. A Gramática Histórica de Álvaro Neto revisita categorias da gramática normativa tradicional que veiculava a ideologia dominante. A poesia experimental, em Portugal foi uma das tentativas de superar o isolamento, o atraso cultural e a ausência de discussão estética, na década de 60. Escrita entre 1962 e 1966 - quase a par do Jornal de Campanha - e publicada em 1971, foi prefaciada por Haroldo de Campos, conhecido autor de poesia concreta brasileira (falecido) que a considera “uma contribuição positiva, no âmbito da nova literatura portuguesa, para a aventura textual da poesia, hoje”. Nela se encontram inúmeros cruzamentos de sentido através de palavras que criticam o quotidiano e que exemplificam categorias gramaticais de que escolhemos algumas:

VERBOS REFLEXOS

TODOS NOS QUEIXAMOS

PERIFRÁSTICOS

Vamos pôr toda a esperança no futuro do país

PALAVRAS DIVERGENTES

Tiranía

Paz

Alegria

Miséria

Trabalho  
Dor  
Esperança  
Sangue  
Liberdade  
Escravidão  
Povo  
Prisão

#### PLEBEISMOS VULGARES

Um gajo sem cunhas pediu uma Bolsa.  
Nicles, claro!  
Dizem que ficou com uma grande cachola.  
Que artolas!

#### ARCAISMOS

Casou por amor  
O patrão aumentou-lhe o ordenado

Deixamos ao leitor a procura de inúmeras surpresas que o ajudarão a avançar no espírito crítico, no seu verdadeiro sentido, ou seja ou de saber discernir – Criticar não é condenar, é discernir, é ajudar a discernir, ajudar a saber distinguir, a separar o trigo do joio: trabalho de uma vida inteira. É esse sentido original que falta repor à palavra criticar, mas que não falta na crítica subtil de Liberto Cruz. Na segunda e última edição revista e aumentada da Gramática Histórica, Liberto Cruz inseriu textos que então não poderiam ser editados e outros que através das categorias de uma gramática normativa continuarão a ajudar o leitor a descobrir (cito o Prefácio de João Fernandes) “ os contrasensos de um senso comum imposto como bom senso dominante”

4. Poesia e exílio: Distância ( poema escrito em Rennes, Bretanha, entre Dezembro de 1967 e 20 de Abril de 1974), Perspectivas e Realidades, Lisboa, 1976

O longo poema fragmentado Distância marca uma viragem na poesia lírica de Liberto Cruz. O início da escrita deste poema dista cerca de sete anos da conclusão da escrita de Itinerário (1960) que como vimos, é um itinerário fulcral da energia e do enigma da vida, ao amor e à procura de um caminho, da “viagem exacta” que culmina com o reenvio, em movimento ascendente, dos seus versos para a “noite do teu canto”. A poesia lírica de Liberto Cruz ficou em suspenso, depois deste movimento ascendente ou anabático porque foi a guerra que ele teve de atravessar, de que nos deixou Jornal de Campanha e a consciência cívica que construiu na Gramática Histórica que ocuparam a seu trabalho poético, de 1962 a 1966. Disciplinadamente retomou a escrita mais pessoal e lírica no ano seguinte, em 1967, para demorar sete anos a construir este poema composto por pequenos poemas de versos breves em que se nota um progressivo processo de dissecação das palavras. É um poema construído com o tempo, longe de Portugal e de Angola. Por isso lhe chamou Distância. É um poema marcado pela contenção da palavra, a procura da palavra essencial, já não em forma de disparo, como comentava Eugénio Lisboa, a

propósito de Jornal de Campanha, mas um outro modo de viver e sobreviver à experiência de exílio não forçado mas voluntário de Portugal, em França, que prolongou durante vinte e dois anos, nas funções que assumiu na Universidade de Rennes e na Embaixada de Portugal, em Paris. Numa entrevista que deu ao Público, em 1994, disse que não tem pressa de publicar a sua poesia, que não acredita na inspiração para a escrita poética, mas no labor, na transpiração, considerando-se também um estrangeirado. No poema Distância Liberto Cruz entrecruza o amor, o enigma e o quotidiano de um modo novo e muito menos acessível que nos primeiros livros, sem ser hermético. É como que o seu respirar ou transpirar em terra alheia, na companhia de quem ama, mas onde não sente eco de si próprio. A expressão desse Outro vai-lhe pesando pouco a pouco, segundo se pode deduzir, embora não esteja explícito, porque, no centro do poema, o regresso a Sintra, também não explícito, marca uma viragem determinante no conjunto do poema. Para retomar a intranquilidade em terra alheia, a experiência de tolerar o “solo alheio”, e o chamamento profundo da Pátria, exprimindo o suporte da língua materna nas repugnâncias, no pranto, nos pormenores do quotidiano no estrangeiro; a presença e a inevitabilidade da morte, num espaço de outrem que pode tornar-se quase uma prisão, onde tem de se trabalhar, até quase se ficar espartilhado pelo exílio. A ponto de a saudade ser tentacular como um polvo e o exílio, expresso na metáfora “babilónias”, poder ser conducente à loucura – “destruindo a razão”- e o sujeito exilado se enterrar vivo, à procura de uma redenção ( “Messias secreto”). Esta poderá ser uma voz colectiva do exílio:

Só no último verso do final do poema aparece a palavra exílio, relacionado com a memória, a palavra, a escrita dos afectos de quem está distante:

Sôfrega a memória  
Brilha. Fogo lento  
A palavra  
Crepita.

O país define-se  
Prática ilícita de  
Um critério. Imagem  
Empírica.

Objecto solto,  
Afectuosa escrita,  
Coincidente apelo,

A voz elimina  
O discurso. Digo país  
Escrevo exílio

5. Ante-pausa: Ciclo, Oficina da Fénix, Porto, 1982 ( para comemorar os 25 anos da publicação de Momento)

Antes de se debruçar sobre o balanço da sua vida e da sua escrita, Liberto Cruz faz uma pausa a que chamo ante-pausa, porque a pausa verdadeira é a que se aproxima. Compõe um pequeno poema fragmentado em dez pequenos poemas que abrem com o regresso à

“terra vasta da infância”, o retrato e a memória dos pais, os sonhos, o rio, a ordem, o medo, a memória da adolescência:

Continua a travessia da experiência do amor e sua fusão com a natureza, como nos livros de juventude, com uma expressão muito despojada, para concluir sobre o ciclo do corpo, o fogo que tudo devora, o ciclo da terra, a efemeridade do que se harmoniza no mundo, o “provisório concerto”:

6. Balanço da sua vida e obra e regresso às origens: Caderno de Encargos ( escrito em Paris e Sintra entre 1984 e 1990), Colibri, Lisboa, 1994

É no seu livro Caderno de Encargos que o poeta faz uma pausa para fazer o balanço da sua vida e da sua obra. Trata-se de uma colectânea em que escolheu a forma do soneto como modo de continuar a disciplinar-se na expressão contida mas com uma componente muito mais elaborada que nos livros anteriores por ter como estrutura o soneto que até então não escrevera. Caderno de Encargos é uma obra de maturidade de vida e de vivência poética, marcada pela síntese, a questionação sobre a vida e a morte, a contenção, a diversidade e unidade de temas, a disciplina e a depuração estética de sessenta e seis sonetos de redondilha maior, exigindo do leitor experiência, vivência e maturidade. Parafraseando Camões, conforme a vida, o amor, que tivermos, assim teremos o “entendimento” destes belíssimos versos. O autor faz o balanço da sua vivência poética e existencial, das experiências do amor, a intuição e a certeza da morte, a tristeza, o deserto e os limites da vida, o envelhecimento do seu corpo, o afastamento de Portugal pela guerra de Angola, o exílio, o refúgio da memória, a atitude de quem se interroga, sofre, acabando por aceitar com sabedoria “ as coisas que são o que são” (soneto 64, p.76), a inquietação da brevidade da vida (soneto 21, p. 33), a força e construção da escrita (sonetos 34,43,37,55), a viagem final “da terra misteriosa para a terra do mistério”, (soneto 66, p.78). Não esconde o humor discreto (son.54),- “sabemos só navegar” - a encenação e teatro da vida (soneto 61, p.73), escolhendo a imagem do peixe que se movimenta no aquário, como “um modelo transparente e só de estar na vida (soneto 62, p. 74), o que corresponde a um dos seus modos de conter a vivência existencial e poética. Caderno de Encargos é um livro de um homem solitário, de meia-idade (p.22 e 77), cuja epígrafe é de Alberto Caeiro:

Ser poeta não é ambição minha  
É a minha maneira de estar sozinho

Eis alguns sonetos - chave:

Dia a dia anotando  
Vou da vida os encargos.  
Da viagem já passada  
Ou perdida o balanço

Faço. E por ele corro  
O tempo recuperando.  
Só em seres e haveres  
Me perco. Quem se inventa

Nunca seu mundo repete.  
Entre o provável e o certo  
O erro vejo dos dados

O lance das coisas sigo.  
Quem cedo o sono perde  
O real tarde alcança?  
(Soneto 10 , p. 22)

Liberto Cruz tem consciência de que a criatividade renova o sabor da vida – “quem se inventa/nunca seu mundo repete” (soneto 10, p. 22).

O movimento para fora da pátria é expresso já não com uma certa angústia do longo poema Distância de que atrás falámos, mas de quem já superou o exílio e o encara com abertura, adaptabilidade, confiança de vencer e até de prolongar

Quem da pátria desanda  
Parte só para vencer

.....

E se acaso não volta  
Todavia sempre longe  
Sua Pátria prolonga”  
(soneto 17, p. 29)

Para o poeta, a nossa pátria é também o espaço interior que sempre se procura, o que está por fazer, a inventar, não o espaço imóvel:

A nossa pátria é  
Por dentro de cada um  
Sem limites nem fronteiras

Falas ou religiões.  
A nossa Pátria é  
espaço a inventar  
(soneto 26, p. 38)

O espaço de reencontro com o local onde se nasce e se vai morrer é um dos fulcros deste livro:

Voltamos sempre ao crime  
Do local onde nascemos

.....

Rápidos ali morremos  
(soneto 60, p.72)

Como sintense modelado pela beleza e o mistério de Sintra, Liberto Cruz concentra em alguns sonetos o seu regresso às origens e à casa paterna (son. 22, p. 34), à Serra de Sintra – a “montanha divina” (soneto 20, p. 32), ao rio da sua infância (soneto 39, p. 51), à atitude meditativa que a sua companheira árvore lhe inspira (son. 48, p.60)

São longarinas de vento  
Na montanha estendidas.  
É dos pinheiros o cheiro  
E das flores é a cor.

Uma ave que desliza  
O silêncio que passa.  
Água fugindo viva  
Por entre pedras e ervas.

É do mundo o começo  
Aqui ou aqui termina?  
São estes sinais dum deus

Ou o deus derradeiro?  
Entre a vida e a morte  
É a montanha divina  
(Soneto 20, p.32)

Aqui havia um rio  
O rio da minha infância.  
Dele parti para longas  
Viagens e longas terras.

Aqui havia um rio:  
Um rio inominado  
De névoa e mistérios  
O rio da minha infância.

Aqui havia a minha  
Infância e um rio  
E deles parti há muito.

A eles regresso agora:  
Quem poluiu o meu rio  
Quem usou a minha infância?  
(Soneto 39, p. 51)

Na luz branda do caminho  
Não dorme nem me vigia.  
Mas quando a vejo sei:  
A sua vista me basta.

Avanço e olho. Ando  
Sem que nada me desvie

E desde que a noite chega  
Tenho sonhos exaltantes.

Não sei sequer o seu nome  
Mas em memória tenho  
O seu perfil de rainha.

Nem vale a pena saber:  
Esse inominado ser  
É a companheira árvore  
(Soneto 48, p. 60)

O retorno a esse espaço não é de quem dele se afastou voluntariamente:  
Não sendo um filho pródigo  
Volto à casa paterna  
E com saudades chego  
como quando parti  
(Soneto 22, p. 34)

mas a renovação de um afecto que perdurou, apenas inexoravelmente alterado pela morte da mãe:  
Nada mudou. Faltas tu  
Mãe e de repente tudo  
Foge já nada existe  
(Soneto 22, p. 34)

O regresso à serra de Sintra, ao seu silêncio, agudiza a consciência da sua própria identidade, embora evoluída no tempo que simultaneamente o torna “outro” no seu ser, no seu modo de olhar a paisagem, na mudança do seu próprio corpo, numa atitude de um certo estoicismo, pela aceitação da mudança para essa outra forma de estar perante a paisagem:

À serra volto ainda  
No silêncio das pedras  
Me vejo então um outro  
mas o mesmo sendo  
.....  
Outra forma de estar  
perante a mesma paisagem  
aceito. E facilmente

O mesmo sinto um outro  
Na viagem do meu corpo  
As pedras a serra vendo  
(Soneto 18, p. 30)

O seu corpo a envelhecer parece renovar-se correndo “em redor do velho corpo/ da serra

adormecida”, o qual se transforma pela magia de “duendes e fantasmas”,  
“camélias...túlipas”... “de rosa e buganvílias/ agapantos araucárias” (soneto 38, p. 50).  
Essa magia torna-se interactiva e rejuvenesce a própria serra, suscitando saudade em  
ambos – no sujeito lírico e na serra por ele animizada:

Em redor do jovem corpo  
Da jovem serra de Sintra  
De novo corro. Antigo

Agora o corpo meu  
De saudades um rio  
Em mim e na serra corre  
(Soneto 38, p. 50)

É a expressão da nostalgia comungada da juventude do sujeito lírico do poema e da  
paisagem da sua infância como se a serra fosse sempre renovada, no seu corpo, por seres  
mágicos, flores e árvores. A serra de Sintra é ainda contemplada nas suas cores, aves,  
silêncio, pedras, ervas, para acompanhar o mistério da presença da vida e da morte,  
identificáveis com “sinais de um deus”. O divino manifesta-se na própria identidade e  
beleza da serra, como companhia da vida e da morte:

Entre a vida e a morte  
É a montanha divina  
(soneto 20, p. 32)

Eis um dos mais belos livros que se escreveram sobre a viagem da vida que é a de todos  
nós, escrita por um autor sintrense, em modos e espaços diferentes, no regresso às  
origens, a Sintra, à nossa – porque cá nascemos e cá vivemos – “montanha divina”.

7. Sequências, Livros Horizonte, 2000 - poemas breves ilustrados com colagens de Maria  
Gabriel; Construir, inédito, escrito em Paris em 1978 e revisto em 1993

A obra poética de Liberto Cruz culmina com o livro Sequências, a expressão de imagens,  
ideias e pensamentos muito breves em poemas de pouco mais de dois versos, à procura  
do que poderíamos chamar o essencial do mistério da vida e do espírito, já liberto da  
caducidade do corpo. Alguns poetas contemporâneos tentaram retomar o que chamam  
haikai mas que raramente o são porque os haikai japoneses tinham muitos códigos  
difíceis de seguir na cultura ocidental. Outros poetas portugueses, como Casimiro de  
Brito, têm o fascínio da escrita em poemas muito breves em que retomam livremente essa  
tradição, sem poderem respeitar os respectivos códigos. No caso de Liberto Cruz, a sua  
escrita destes poemas breves flui como um rio de palavras todas filtradas pela sua  
vivência, a sua meditação, a sua aceitação dos limites do visível e da possibilidade do  
ascenso do espírito, para além da caducidade do corpo. Esta escrita de síntese, sobre o  
essencial, corresponde ao seu modo de ser poético. Se a sua poesia anterior e muito em  
especial Caderno de Encargos exprime a procura de serenidade interior e de sabedoria de  
viver que tão bem se harmoniza com a sua personalidade, como pessoa e como poeta,  
Sequências será uma colheita de frutos de sabedoria, de contemplação da vida e do  
mundo visto de cima, de maneira sábia e distanciada. Pela sua leveza, visualidade e

profundidade foi possível que este último livro de Liberto Cruz fosse ilustrado com colagens de Maria Gabriel, escolhidas pelo autor:

Viver a vida  
É esquecer a morte

Espero a amada  
As estrelíztias  
Fazem-me companhia

Como obra inédita, lemos Construir, um conjunto de poemas escritos em Paris em 1978 e revistos em 1993, sobre a arte poética como labor e esforço de construção arquitectónica, a metáfora de todos os materiais de construção que o erguer de um edifício envolve. Não se trata de um livro técnico, mas de uma meditação poética sobre o essencial do ofício de escrever. É também uma homenagem ao poeta Blaise Cendrars cuja obra Liberto Cruz tem seleccionado e traduzido: terá sido a última palavra pronunciada por Cendrars antes de morrer: “Construire”.

Síntese aberta

Se lermos ou relermos a Conta-Corrente de Vergílio Ferreira (I, 3ª edição, p. 345), encontraremos as visitas de Liberto Cruz à casa de Vergílio Ferreira, em Fontanelas. É espantoso que um romancista tão profundo tenha tido a humildade de confessar a Liberto Cruz que não entendia alguma da sua poesia, que lhe agradecia que respondesse a perguntas e que o esclarecesse sobre o que pretendia com a sua poesia – a que Liberto Cruz respondeu com todo o gosto. Sigamos a humildade de Vergílio Ferreira. Porque todos podemos ser herméticos, quer autores quer leitores. Depende do conceito de hermético. O que interessa é que caminhemos no diálogo, no trabalho do ofício de ler, se possível no ofício de escrever: são ambos exigentes e vários.

Nas sete etapas que percorremos no itinerário poético de Liberto Cruz, pudemos entrever a sua poesia bem ancorada na vida, um itinerário com o corpo, o amor, a natureza, o sofrimento, a sua não aceitação da violência nem da guerra, a sua procura de tomada de consciência, de convite ao discernimento, a viagem e o enigma da vida, a inevitabilidade da morte, a nostalgia da própria vivência poética, do exílio, filtrada por uma rara sensibilidade e um modo de ser poético de quem sempre procurou o essencial, na vida e nas palavras, quem procurou o rigor e a música das palavras, o rigor da arquitectura do poema, privilegiando a procura de harmonia, de claridade, de expressão contida, sintética e meditativa, regressando sempre à beleza de Sintra, num caminho de global direcção para o que poderíamos chamar um religiosidade natural de quem procura a paz dentro de si próprio e com outrem, a sabedoria de viver, a aceitação estóica da vida. Esperamos que depois do livro Construir, ainda inédito, esteja em curso uma outra obra poética com o seu ritmo talvez um pouco mais espraçado, continuando o seu caminho de um dos maiores poetas originários de Sintra e um dos melhores poetas da literatura portuguesa da sua geração.

Helena Langrouva  
Maio de 2007